

A ARGUMENTAÇÃO EM TRECHOS DA OBRA O RETRATO DE DORIAN GRAY, DE OSCAR WILDE

Mirian Rufini Galvão

RESUMO: O presente estudo analisa trechos de “O Retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde, com o objetivo de obter provas da sua argumentação não convencional. Elementos de semântica argumentativa foram utilizados e aspectos como deixis, coerência e coesão são estudadas neste trabalho.

Palavras – Chaves: argumentação, literatura, Wilde

ABSTRACT: The present study analyses excerpts of The Picture of Dorian Gray, by Oscar Wilde with the aim of obtaining evidence of his unconventional argumentation. Elements of argumentative semantics were utilized and aspects such as deixis, coherence and cohesion are studied in this work.

Key words: argumentation, literature, Wilde

Introdução

O presente trabalho analisa trechos da obra O Retrato de Dorian Gray, escrito por Oscar Wilde, em 1891, sendo o único romance do autor e considerado sua obra-prima.

Selecionamos o trabalho do autor por interessarmos-nos por suas idéias polêmicas e pouco convencionais para uma Inglaterra do século XIX. Imaginamos a princípio que o material resultante seria rico em elementos argumentativos e que seria pertinente analisarmos sua obra à luz dos teóricos da semântica argumentativa.

Iniciamos falando um pouco deste autor tão comentado e cuja vida desenrolou-se mais como uma tragédia que uma comédia, gênero que o autor apreciava e com o qual nos deleitou com muitos trabalhos.

Um breve relato sobre Oscar Wilde

Nasceu na Irlanda em 1854. Foi um estudante brilhante das línguas e literaturas, o que lhe rendeu uma bolsa de estudos para Oxford em 1874. Foi crítico e implacável em sua vida acadêmica e participou

do movimento estético que se opôs às artes e literatura Vitoriana. Vestia-se de forma extravagante e cheia de adereços, mas sua presença era obrigatória em eventos pelo seu brilhantismo e dotes literários.

Publicou vários contos e novelas, como *O fantasma de Canterville*, e *O príncipe feliz* e outras histórias, marcados por seu humor cruel e ironia tão apreciados por leitores.

Teve uma vida pessoal conturbada por manter uma relação íntima com o jovem lorde Alfred Douglas. Foi julgado, condenado a dois anos de trabalhos forçados e ao sair da prisão sua família o abandonou. Entrou em decadência entregando-se ao absinto na França e morreu em 1900 aos 46 anos.

O retrato de *Dorian Gray*, a obra cujos trechos aqui analisamos, é um romance surpreendente onde Dorian Gray é um jovem de beleza inigualável e tem seu retrato pintado por Basil Hallward. Lorde Henry Wotton torna-se conselheiro de Dorian ao ser apresentado a este por Basil e cria em Dorian uma consciência sobre sua juventude e beleza. Ao mesmo tempo introduz Dorian a uma vida de vícios e desregramento. Dorian pede ao destino que seja eternamente jovem como seu retrato, desejo que é atendido. Porém, à medida que comete seus crimes, o retrato passa a absorver toda sua carga negativa, refletindo seu real estado de degeneração e de sua alma.

1. Alguns aspectos da semântica argumentativa

1.1. Os operadores argumentativos e as formas verbais.

A enunciação no texto pode ser marcada por relações como as de pressuposição, as intenções e os operadores argumentativos. Koch (2002) diz que os tempos verbais podem marcar o discurso de maneira eficiente, como no mundo comentado, onde o autor fala comprometidamente. O emprego dos tempos comentadores constitui um sinal de alerta para advertir o ouvinte de que se trata de algo que o afeta diretamente e de que o discurso exige sua resposta. Como exemplos desses tempos tomamos o indicativo no presente, pretérito perfeito composto, o futuro do pretérito, futuro do presente composto.

“A pressuposição existe em um enunciado quando, por exemplo, diz-se ‘Eu deixei de fumar’, pois ao mesmo tempo afirma-se que se fumava e que atualmente não se fuma. Koch define o evento como sendo polifônico, porque a premissa embutida na asserção será oriunda da comunidade lingüística do contexto da enunciação ou pelo menos será partilhada pelo locutor e alocutário”.

Os operadores argumentativos são aqueles definidos por Koch como morfemas gramaticais, responsáveis por uma relação de orientação discursiva dos enunciados. Determinam o valor argumentativo do enunciado, sendo marcas essenciais da argumentação.

Como exemplos, cita aqueles que estabelecem uma hierarquia dos elementos enunciativos, como: *pelo menos, inclusive, até mesmo*. Elementos encadeadores de idéias ou fatos são: *também, tanto... como, além de, e. Já e ainda* são classificados como indicadores de mudança de estado, ou marcadores de pressuposição, como mencionado acima. *Poucos, muitos e um pouco* orientam a seqüência do discurso para uma afirmação ou negação plena.

Ainda cita as relações de coordenação e de subordinação, como exemplo das primeiras temos: *e, ou, nem, quer... quer...* As orações subordinadas citadas normalmente são as adjetivas restritivas, ou aquelas que resultam de uma oração coordenada na estrutura profunda com valor apositivo. Como exemplo do primeiro tipo na nossa análise, citamos:

“... A **única coisa** que tem **alguma importância** para ele é se acredita nela ou não”. Como exemplo das apositivas, encontramos: “... terror de Deus, que é o segredo da religião”.

1.2. A seleção lexical e as figuras de linguagem.

Um recurso argumentativo de extremo valor é da seleção lexical, através da qual se estabelecem as oposições, os jogos de palavras, as metáforas, o paralelismo. A escolha de um determinado termo pode conferir ao texto o elemento da distinção, da familiaridade, da argumentação, como no uso de um termo ou colocação não habitual na língua cotidiana.

Citelli (2001) trata de duas figuras de linguagem cruciais para a argumentação, a metáfora e a metonímia. Define a primeira como aquela usada quando não se encontra um designativo mais apropriado para certas representações. Uma possibilidade é a passagem da significação da palavra para um plano mais figurativo, ou a associação desta com seu efeito figurativo. Em nosso trabalho, encontramos o uso da expressão... "a música de outra pessoa" significando a verdade de um ser humano.

A metonímia é a figura que utiliza um termo em lugar de outro, de maior abrangência. Em nossa análise encontramos a utilização de *homem e pessoa* em lugar de a sociedade, a humanidade.

Citelli (2002) trata do discurso polêmico, cujo grau de persuasão é extremo. Nele há uma luta onde uma voz derrotará outra. O grau polissêmico é baixo, pois o dêitico *eu* tende a dominar o discurso. Os locutores não se apresentam, mas ao contrário, tentam reprimir seu interlocutor, dando-lhe uma orientação e aconselhando condutas características.

1.3 A coesão textual.

Fávero (2002) define alguns elementos coesivos do texto. Na coesão referencial, por exemplo, temos a situação de uma retomada de um componente previamente citado, como na anáfora, ou na sucessão, a catáfora. Em nosso primeiro excerto, temos: *Você* precedendo *Basil*, um dos personagens citados, dando ao argumento um maior direcionamento. Cita a autora o uso da ilha anafórica, quando um pronome substitui elementos da estrutura superficial do texto, como o nome. Em nossa análise temos o uso dos pronomes *o* e *lhe*, substituindo o nome do personagem principal, o Sr. Gray.

Quanto à sinonímia, diz que não há um sinônimo perfeito, mas sim aproximações possíveis, como em *casa e mansão, cão e cachorro*. No trabalho de Wilde, percebemos o uso de *desejo e vontade*, como uma série sinonímica no discurso e ainda os antônimos *prazer e desgosto*.

O uso de hipônimos e hiperônimos é também um fator coesivo em discurso, como nas relações de: "Gorgonzola é um tipo de queijo", (hipônimo) e "Como um tipo de flor citamos a rosa" (hiperônimo)

(Crystal, 1995). Encontramos em nosso terceiro trecho o exemplo: “os grandes fatos do mundo: a luz do sol, a primavera, o reflexo da lua em águas escuras”, colocado pelo autor em uma relação hiperonímica.

O paralelismo, segundo Fávero (2002) é uma reutilização das estruturas com diferentes conteúdos ou ainda a recorrência de elementos do mesmo campo lexical. Podemos verificar que este trabalho de Wilde é pleno de tais estruturas que o enriquecem e reforçam seu poder argumentativo. Os exemplos a seguir são ilustrativos deste fato:

“**Gosto** das pessoas mais do que de princípios e aprecio mais pessoas sem princípios do que qualquer coisa no mundo.”

“... alimentam **os famintos**, vestem **os mendigos**”.

“**Você tem** um rosto incrivelmente belo, Sr. Gray... **Você tem** somente alguns anos para viver **realmente**”.

1.4 A coesão e a coerência

Sobre a coesão e a coerência nos aponta Fávero que a primeira ocorre no nível microtextual, na superfície do texto e que a segunda, no nível macrotextual, na estruturação do sentido, ativado pelas expressões do texto. Incorpora o conhecimento da experiência cotidiana e fatores não lingüísticos.

A semântica procedimental é aquela escolhida por Beaugrande e Dressler (1981) e Marcuschi (1983), pois opera com a razão e a experiência na aquisição de conhecimentos. Marcuschi (apud Fávero, 2002) salienta que a coesão e a coerência estão longe de uma determinação clara, pois a coerência é uma determinada possibilidade de interpretação individual e depende do contexto, sendo que dois interlocutores se entendem porque tem conhecimento compartilhado de mundo e podem interpretar o texto de forma inteligível. Já a coesão, segundo Fávero, é uma relação linear entre as frases e não é nem necessária nem suficiente para a coerência.

1.5 O uso dos Dêiticos

Na Dêixis o centro é a pessoa falante, no tempo em que produz o enunciado e no ponto em que o falante se encontra. Os destinatários e os referentes têm como ponto central o status e o mundo do falante. Podemos perceber que o uso dos dêíticos no trabalho de Wilde é central, já que os personagens travam um diálogo durante toda a história e na realidade o fazem também com o leitor, que ouve o que Lord Henry tem a dizer para Dorian Gray, e recebe a mensagem com igual pertinência.

Passamos a seguir à análise dos trechos selecionados e tendo como foco os recursos argumentativos acima lembrados.

2. Análise do Texto.

Trechos “de ‘O retrato de Dorian Gray ‘, adaptação de Cláudia Lopes, Scipione, 2004”.

2.1. Pg. 8:

‘-**Você** é Inglês **mesmo**, Basil! **Se** uma pessoa apresenta uma idéia para um **verdadeiro Inglês**, ele nem sonha em considerar se a idéia é certa ou errada. A **única coisa** que tem **alguma importância** para ele é se acredita nela ou não. **Ora**, o valor de uma idéia não tem a ver com a sinceridade do homem que a expressa. **De fato**, o provável é que, quanto mais insincero um homem for, mais **puramente** intelectual sua idéia será e não estará influenciada pela sua **vontade**, seus **desejos ou preconceitos**. **Entretanto**, não **quero** discutir **metafísica** com você. **Gosto** das pessoas mais do que de princípios e aprecio mais pessoas sem princípios do que qualquer coisa no mundo. ’

Análise do trecho:

Dêiticos pessoais: você, quero, gosto.

Se: Operador argumentativo de condição.

Verdadeiro inglês: escolha lexical.

Ora: operador argumentativo de oposição ou concessão.

De fato: modalizador argumentativo (=realmente).

Entretanto: operador argumentativo de oposição.

Metafísica: escolha lexical.

Única: adjetivo que passa a idéia de restrição.

Alguma: quantificador que passa a idéia de restrição.

Puramente: modalizador afetivo.

Vontades, desejos, preconceitos: série sinonímica.

Ou: operador argumentativo de opção ou alternância.

Mesmo: operador argumentativo de ênfase.

Comentários:

Percebe-se a ironia do autor no comentário a respeito do interlocutor ser inglês e acreditar nas idéias de outrem sem questionamentos. O autor provavelmente censura essa postura de sua sociedade,

marcando no discurso do personagem sua própria opinião, que é de que as idéias têm valor somente por seu aspecto intelectual, que é dissociado das vontades, dos desejos e preconceitos daqueles que as postulam. Utiliza-se do presente do indicativo, do pretérito e do futuro do presente para marcar seus comentários.

O autor insere-se no discurso através dos dêiticos pessoais e dialoga abertamente com o personagem, o Basil, que no romance é marcado como seu opositor, exprimindo suas opiniões e aconselhando-o. Mais tarde, inferimos pela história que Basil representa o lado bom da consciência do personagem Sr. Dorian Gray, e Lord Henry, que é o locutor dos trechos selecionados, representa o seu lado mau.

O autor utiliza os adjetivos, modalizadores e intensificadores para marcar claramente sua posição e persuadir o leitor a compactuar com suas idéias, destruindo o argumento do cidadão inglês normal e sugerindo uma outra visão do homem intelectualizado.

Ainda enfatiza sua afeição por pessoas cujas idéias são autênticas e desprovidas de base moral no final de seu argumento.

2.2. Pg. 13:

‘- Não existe boa influência – respondeu Lord Henry. – **Toda** influência é **imoral** – **imoral** do ponto de vista científico -, **porque** influenciar uma pessoa é dar-lhe sua própria alma. Ela **já** não pensa com **seus próprios pensamentos nem** sente **suas próprias paixões**. **Suas virtudes** não são reais para ela. **Seus pecados, se** existem tais coisas, são emprestados. Torna-se um eco da **música de outra pessoa**. O objetivo da vida é o autodesenvolvimento. Cumprir a própria natureza **perfeitamente** – **essa** é a razão por que estamos aqui. As pessoas têm medo de si mesmas, **hoje em dia**. Esqueceram-se de seu principal dever. Claro que são caridosas: alimentam **os famintos**, vestem **os mendigos**. **Mas** suas próprias **almas morrem de fome e estão nuas**. **O terror da sociedade**, que é a base da moral, e o terror de Deus, que é o segredo da religião, são as duas coisas que nos governam. **Mas eu acredito** que se um homem vivesse sua vida completamente, desse forma a todo sentimento, expressão a todo pensamento, a realidade a cada sonho, **acredito** que o mundo ganharia um impulso novo de alegria. **Mas** o mais corajoso dos homens tem medo de si mesmo. Cada **impulso** que lutamos para **estrangular aninha-se** na mente e nos **envenena**. O corpo peca uma vez e não tem nada mais a ver com o pecado, **pois** a ação é um modo de purificação. **Nada** permanece, a não ser a lembrança de um prazer **ou** desgosto. A única maneira de se livrar de uma tentação é entregar-se a ela...’

Análise:

Toda: operador argumentativo que indica totalidade.

Imoral – imoral: concatenação.

Travessão: usado no trecho para conferir mais força às idéias.

Porque: indica consequência.

Nem: operador que indica exclusão

Suas virtudes...Seus pecados: anáfora.

Seus próprios pensamentos, sua próprias paixões: paralelismo.

Se: operador argumentativo de consequência.

Música de outra pessoa: escolha lexical e metáfora.

Perfeitamente: modalizador afetivo

Essa: dêitico espacial.

Hoje em dia: marcador de pressuposição.

Já: marcador de pressuposição.

Os famintos, os mendigos: série sinonímica.

Mas: operador argumentativo de oposição.

Eu: dêitico pessoal.

Acredito/acredito: anáfora

O impulso estrangula, aninha-se, envenena-nos: escolha lexical.

Pois: operador argumentativo explicativo causal.

Nada: operador argumentativo de negação plena.

Ou: operador argumentativo de opção ou escolha.

Almas nuas e mortas de fome: metáfora (escolha lexical)

Comentários:

Novamente o autor insere-se no discurso na forma do personagem Lord Henry, que discorre a respeito dos pensamentos alheios e das vontades de uma pessoa. Utiliza dêiticos pessoais e espaciais para fazer essa marcação.

Explica seus pontos de vista calma e naturalmente pela adição de operadores de explicação, no caso o porque e o pois. Traça uma comparação entre a vida de uma pessoa seguindo as idéias de outros, que é descrita de maneira sóbria e destituída de luz, como descrito em “almas famintas e nuas”.

Encontramos um intratexto do autor quando cita que as pessoas podem alimentar e vestir mendigos com o seu trabalho *O Milionário Modelo*, onde Hughie Erskine dá esmola a um modelo vestido de mendigo por julgar-lhe realmente um, quando na realidade era ele um milionário.

Qualifica a alma e a natureza humanas como arte quando as compara à música e argumenta que podem se manifestar de uma forma perfeita.

Salienta a hipocrisia humana no descrever as ações de vestir, cuidar dos pobres e ao mesmo tempo sofrer a dominação da moral da sociedade. E exime o homem da culpa do pecado e da tentação ao incentivar que este vá além das regras da sociedade, experimentando todos os seus desejos, culminando em uma realidade, segundo o autor, plena de alegrias.

O autor faz uso, especialmente neste trecho de escolhas lexicais precisas e combinações que desejam levar o leitor a um julgamento leve de suas idéias e a uma experimentação de suas verdades.

2.3. Pg. 15:

“- Não **pensa assim agora. Algum dia**, quando **você** estiver velho, enrugado e feio, quando o pensamento tiver marcado sua frente com suas linhas e a paixão queimado seus lábios com seu fogo, **você** o sentirá terrivelmente. **Agora, aonde você** for, **você encantará** o mundo. **Você tem** um rosto incrivelmente belo, Sr. Gray. E a beleza não necessita de explicações, **como** os grandes fatos do mundo: **a luz do sol, a primavera, o reflexo da lua em águas escuras**. Não pode ser questionada. Tem seu divino direito de soberania. Ah, não **sorria!** **Quando a tiver** perdido, **você não sorrirá...** As pessoas às vezes dizem que a beleza é somente superficial. Pode ser, **mas** para mim a beleza é a maravilha das maravilhas. Sim, Sr. Gray, os deuses foram muito bons com **você**. **Mas** o que os deuses dão, rapidamente tiram. **Você tem** somente alguns anos para viver **realmente, perfeitamente, completamente**. **Quando sua** juventude se for, **sua** beleza irá junto e, então, **você subitamente descobrirá** que não sobrou nenhum triunfo, ou **terá** de se contentar com **esses** êxitos **tão** pequenos que as lembranças do passado tornam mais amargos do que derrotas. Cada mês que passa o leva mais para perto de algo terrível. O tempo tem inveja de **você** e luta contra **você**. **Você** ficará pálido, com as faces encovadas e os olhos apagados. **Ah! Perceba sua** juventude **enquanto a tem! Viva! Procure sempre** por novas sensações, não **tenha** medo de nada. O mundo **lhe** pertence por uma estação. No momento em que **o** conheci, **vi** que não **tem** consciência do que **realmente** é. Pensei o quanto seria trágico **se você** fosse desperdiçado. **Pois sua** juventude durará **tão** pouco tempo...

As flores murcham, **mas** florescem outra vez. **Nós, porém, nunca voltamos** à **nossa** juventude. A alegria que pulsa em **nós** aos vinte anos se esvai. **Nossos** membros falham, **nossos** sentidos deterioram-se. **Seremos** fantoches assombrados pela lembrança das paixões das quais **tínhamos** medo e das tentações raras a qual não **tínhamos** a coragem de nos render. **Juventude!** Não há nada no mundo inteiro **como** a juventude!”

Análise:

Pensa: dêitico pessoal

Assim: dêitico espacial

Agora: marcador de pressuposição

Algum dia: dêitico temporal

Você: dêitico pessoal

Encantar, tem, tiver, sorrirá, descobrirá, perceba, procure, tínhamos, seremos, voltamos, vi: dêiticos pessoais.

Sua, nossa, nossos, nós, o: dêiticos pessoais.

Esses: dêitico espacial

Ah!: interjeição

!: exclamação.

Mas, porém: operadores argumentativos de oposição.

Pois: operador argumentativo explicativo de consequência.

Juventude!: frase nominal exclamativa.

Tão: intensificador

Nunca: dêitico temporal.

Quando: dêitico temporal

Subitamente, completamente, perfeitamente, realmente: modalizadores afetivos.

Fantoches assombrados: escolha lexical.

Comentários:

O autor fala com o personagem Sr. Gray através do personagem Lord Henry dizendo que a juventude é fugaz e deve ser aproveitada em sua plenitude. Argumenta fortemente através dos dêiticos, especialmente pessoais, dirigindo-se ao interlocutor com ênfase, a fim de persuadi-lo.

Utiliza as metáforas para ilustrar a aparência do jovem, igualando-a a elementos da natureza e a aparência de um velho, apagada e sem a graça da juventude. Compara ainda os sentimentos do jovem, da paixão, da vida com aqueles do velho, para quem só restam as reminiscências dos pequenos triunfos e das derrotas do passado.

Percebe-se um intratexto com o trecho analisado anteriormente quando aqui fala das tentações não vividas por medo e conclama o leitor a aproveitar sua juventude com ousadia e liberalidade.

3. Comentários Finais:

Pode-se visualizar neste trabalho que a obra de Oscar Wilde é rica em argumentação e aberta a muitas possíveis interpretações. Com o auxílio dos recursos argumentativos vamos-nos direcionando a uma compreensão ainda que parcial do universo desse tão controverso autor. A força de seu discurso pode ser ainda sentida hoje e os valores aos quais se opunha em sua época ficam caracterizados em seus livros que ainda dialogam com o leitor na espera de seu convencimento.

Resumo: O presente estudo analisa extratos do livro *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde com o intuito de obter evidências de sua argumentação não convencional. Elementos da semântica argumentativa são utilizados e aspectos como a dêixis, a coerência e a coesão são estudados em seu trabalho.

Palavras-chave: argumentação, literatura, Wilde.

Referências bibliográficas:

CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 2002.

KOCH, I.G.V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

FÁVERO, L. L. **Coesão e Coerência Textuais**. São Paulo: Ática, 2002.

LEVINSON, STEPHEN C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

PROJECT GUTENBERG. **The Picture of Dorian Gray**, 1994.

WILDE O. **O Retrato de Dorian Gray**. Adaptação de Cláudia Lopes, São Paulo: Scipione, 2004.

WILDE, O. **Contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

Anexo 1: Trechos do trabalho original em inglês

"No, you don't feel it now. Some day, when you are old and wrinkled and ugly, when thought has seared your forehead with its lines, and passion branded your lips with its hideous fires, you will feel it, you will feel it terribly. Now, wherever you go, you charm the world. Will it always be so? . . . You have a wonderfully beautiful face, Mr. Gray. Don't frown. You have. And beauty is a form of genius-- is higher, indeed, than genius, as it needs no explanation. It is of the great facts of the world, like sunlight, or spring-time, or the reflection in dark waters of that silver shell we call the moon. It cannot be questioned. It has its divine right of sovereignty. It makes princes of those who have it. You smile? Ah! when you have lost it you won't smile. . . . People say sometimes that beauty is only superficial. That may be so, but at least it is not so superficial as thought is. To me, beauty is the wonder of wonders. It is only shallow people who do not judge by appearances. The true mystery of the world is the visible, not the invisible. . . . Yes, Mr. Gray, the gods have been good to you. But what the gods give they quickly take away. You have only a few years in which to live really, perfectly, and fully. When your youth goes, your beauty will go with it, and then you will suddenly discover that there are no triumphs left for you, or have to content yourself with those mean triumphs that the memory of your past will make more bitter than defeats. Every month as it wanes brings you nearer to something dreadful. Time is jealous of you, and wars against your lilies and your roses. You will become sallow, and hollow-cheeked, and dull-eyed. You will suffer horribly.... Ah! realize your youth while you have it. Don't squander the gold of your days, listening to the tedious, trying to improve the hopeless failure, or giving away your life to the ignorant, the common, and the vulgar. These are the sickly aims, the false ideals, of our age. Live! Live the wonderful life that is in you! Let nothing be lost upon you. Be always searching for new sensations. Be afraid of nothing. . . . A new Hedonism-- that is what our century wants. You might be its visible symbol. With your personality there is nothing you could not do. The world belongs to you for a season. . . . The moment I met you I saw that you were quite unconscious of what you really are, of what you really might be. There was so much in you that charmed me that I felt I must tell you something about yourself. I thought how tragic it would be if you were wasted. For there is such a little time that your youth will last--such a little time. The common hill-flowers wither, but they blossom again. The laburnum will be as yellow next June as it is now. In a month there will be purple stars on the clematis, and year after year the green night of its leaves will hold its purple stars. But we never get back our youth. The pulse of joy that beats in us at twenty becomes sluggish. Our limbs fail, our senses rot. We degenerate into hideous puppets, haunted by the memory of

the passions of which we were too much afraid, and the exquisite temptations that we had not the courage to yield to. Youth! Youth! There is absolutely nothing in the world but youth!"

"I believe that if one man were to live out his life fully and completely, were to give form to every feeling, expression to every thought, reality to every dream--I believe that the world would gain such a fresh impulse of joy that we would forget all the maladies of mediaevalism, and return to the Hellenic ideal-- to something finer, richer than the Hellenic ideal, it may be. But the bravest man amongst us is afraid of himself. The mutilation of the savage has its tragic survival in the self-denial that mars our lives. We are punished for our refusals. Every impulse that we strive to strangle broods in the mind and poisons us. The body sins once, and has done with its sin, for action is a mode of purification. Nothing remains then but the recollection of a pleasure, or the luxury of a regret. The only way to get rid of a temptation is to yield to it. Resist it, and your soul grows sick with longing for the things it has forbidden to itself, with desire for what its monstrous laws have made monstrous and unlawful. It has been said that the great events of the world take place in the brain. It is in the brain, and the brain only, that the great sins of the world take place also. You, Mr. Gray, you yourself, with your rose-red youth and your rose-white boyhood, you have had passions that have made you afraid, thoughts that have filled you with terror, day-dreams and sleeping dreams whose mere memory might stain your cheek with shame--"